

NUDEZ SEM RÓTULOS, COMO MÍDIA DE SUAS EXPERIÊNCIAS

IARA CERQUEIRA LINHARES DE ALBUQUERQUE¹

RESUMO: O artigo em questão é um recorte extraído da tese de doutorado *Deslocar para permanecer: implicações políticas das redes digitais nos processos criativos colaborativos*, defendida em 2016 na PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC. No processo em rede digital, os elos corporais mais fortes (interlocutores, lideranças, mediadores, coordenadores) direcionam e colaboram de forma mais efetiva nesse ambiente. As postagens com nudez direcionam a um comportamento que replicam formas de vida e publicitam ações que culminam em discursos refratários e preconceituosos. Viver nesta realidade implica em desafios, em demandas e atos de escolha como, conviver sem estar passivo, respeitar outras proposições e também não impor determinadas ações no espaço. Problematicamos essa discussão com a proposta teórica de Vida Expandida (CASTELLS, 2013) e pensamos a partir da Teoria Corpomídia (KATZ & GREINER, 2005). Nossa hipótese é enfatizar que a potência que emerge dos *corposmídias* nessa ação que envolve nudez, realça as singularidades dos participantes fazendo emergir um grande espaço político de atuação. Nas redes, assim como qualquer relação numa sociedade, os poderes se fazem impregnar, busca-se pela equidade de reciprocidade e compartilhamento. O que interessa é refletir criticamente e saber tecer o equilíbrio entre tendências opostas e possibilitar a autonomia dos envolvidos nessa teia.

Palavras-chave: corposmídias, redes digitais, corpo e discursos.

CADA CORPO É UM CORPO

Na sociedade das redes (CASTELLS, 1999) integram-se nós desde que consigam comunicar-se e compartilhem os mesmos códigos de comunicação. Os códigos citados podem se entendidos como “procedimentos”, ou formas de expressão.

Nos movimentos sociais (de moradores de rua, sem teto, etc.) esses grupos se articulam com outros grupos com o mesmo objetivo, e identificação política, a fim de ganhar visibilidade e produzir impacto na esfera pública para obter conquistas para a cidadania. Essa busca por similaridades acontece da mesma forma com artistas e grupos

¹Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Departamento de Ciências Humanas e Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus Jequié. Área de conhecimento: Dança. E-mail: iacerqueira@hotmail.com. Tel:71981470093

que buscam ser reconhecidos, e assim como os movimentos sociais, fomentar articulações com outros pares a atuar coletivamente, um corpo que busca constituir-se em comunidades de interesses que quer ver e ser visto (PRADO, 2013)

Supõe-se que o processo de criação em dança fora das redes digitais, que ocorria de forma majoritariamente individual, e o que agora é possível ser praticado nelas de forma colaborativa, tem ontologias distintas e seu eixo de distinção está na transformação dos meios técnicos de comunicação.

Em todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atuado por meio dele. Portanto, o que é historicamente específico ao novo sistema de comunicação organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação, do tipográfico ao sensorial, não é a indução à realidade virtual, mas a construção da realidade virtual. (CASTELLS, 1999, p.459).²

Vivemos implicados no meio em que estamos, e viver em rede sugere um mundo onde tudo pode ser inventado para ser compartilhado com outros, que também podem estar nesse processo imaginário. Uma qualidade na constituição dessas redes pode ser descrito pela rápida conexão que se faz em encontrar pares que compartilhem posts. Katz³ (2014) amplia a perspectiva de pensar esses contatos, e quanto essa ação pode criar condições para encontros coletivos sobreviverem:

Vivemos hoje um cotidiano de prontidão permanente para a comunicação [...] A multiplicidade de formas de contato fica estampada em cada uma das telas que nos acompanham (computadores, celulares e tablets), atestando a habilidade que desenvolvemos para conviver, cada vez mais confortavelmente, com diferentes programas ao mesmo tempo (sms, facebook, e-mail, instagram, twitter, whatsapp etc). (KATZ, 2014, p.3).

E, em consequência:

O corpo tornou-se um aplicativo (corpo apps 4) da biopolítica que nos governa. Não é prudente, portanto, pensar a dança fora dessa moldura. (KATZ, 2014, p.3).

Foucault no seu livro **Ordem do Discurso** (2008) aponta que na vontade de dizer discursos verdadeiros, o que está em jogo é o desejo e o poder, assim nas práticas discursivas, ele já citava a implicabilidade biopolítica do corpo, sendo no corpo que as coisas acontecem, Katz(2005). Nas redes, assim como qualquer relação numa sociedade, os poderes se fazem impregnar, busca-se pela equidade de reciprocidade e

² Professor universitário e sociólogo espanhol. Autor da Trilogia, "Sociedade em Rede - A Era da informação: Economia, sociedade e cultura".

compartilhamento, o que interessa é saber tecer o equilíbrio entre tendências opostas e possibilitar a autonomia dos envolvidos nessa teia.

Pergunta-se: Como existir no ambiente *onoffline* com determinados atores/autores menos ou mais ativos ou cooperativos, no sentido de não estimular hierarquias de poder, ou categorizações?

Segundo Castells, “[...] o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se” (2013, p.167) e ao mesmo tempo devemos estar atentos a esse proliferador de vozes, afinal as estruturas sobrevivem com outra forma de complexidade. Não se pode esquecer: viver em sociedade se faz em categorias e se organiza a partir de normas (KATZ, 2011, p.25). Ao investigar esse espaço verifica-se a tensão em manter os ajustes sucessivos sem separações e em equilíbrio.

Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. [...] Mas a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder. [...] Assim os conectores são os detentores do poder. Uma vez que as redes são múltiplas, os códigos interoperacionais e as conexões entre redes tornam-se fontes fundamentais da formação, orientação e desorientação das sociedades. (CASTELLS, 2012, p.566).

No artigo *O Pensamento crítico no mundo do corpo apps e da lógica do software* (Katz, 2014), o atual espaço que borra fronteiras, acolhe e nos transforma em consumidores potencias, reposiciona o corpo e suas socialidades:

Nos anos 1980, a relação com o computador era de um-para-um (a pessoa e sua máquina). Na década seguinte, ele já havia se tornado um portal, permitindo que seus usuários aderissem às primeiras redes, e nelas fossem desenvolvendo outros sentidos, por exemplo, para “lugar”, “presença”, “amizade”. Desestabilizadas pelas práticas do que, na época, se chamava de „vida virtual”, as fronteiras anteriormente vigentes, que separavam o estar conectado (on line) do não estar (off line) começaram a ser borradas. Muitos passaram a se sentir mais acolhidos na vida on line do que na „vida real”, transformada, então, em mais uma dentre tantas outras janelas possíveis. (KATZ, 2014, p.2)

Nesse texto atesta-se ao fato de um desejo comum, ou interesses a partir de pensamentos que possuam movimentos em acordo, mesmo cada qual em sua lógica individual. A busca está em um funcionamento que assuma uma relação múltipla de poderes, ou na maneira como se dissemina a informação hoje. O poder se faz aberto em cooperação, à comunicação, à criação (NEGRI, 2003).

Se voltarmos um pouco, vamos lembrar que nos anos 1990 já estávamos inteiramente conectados pelo uso de browsers e instrumentos de busca. Com a expansão da mobilidade, viver *on line*[sic] tinha passado a ser sinônimo de viver, e nós havíamos nos tornado sujeitos conectados em tempo real. Não demorou muito para que o Facebook ultrapassasse o primeiro bilhão de usuários. A euforia pela liberdade na ponta dos dedos e pelo triunfo da comunicação horizontal era saudada como a manifestação ampla, geral e irrestrita dos ideais iluministas de liberdade/igualdade/ fraternidade. (KATZ, 2014, p.3).

Castells (2003, p.99) já havia feito uma crítica à visão da internet como “terreno privilegiado para as fantasias pessoais”, e Lazaratto (2006, p.65) amplia que “as relações de poder são virtuais, instáveis, não localizáveis, não estratificadas, potenciais, e definem apenas possibilidades, probabilidades de interação [...]”. De acordo com ambos os autores, independente de apegos, entendimento reducionista, instabilidades, busca a realizações pessoais, não compartilho dessa visão simplificada do espaço virtual que favorece visões tradicionalistas e o medo do risco.

A complexidade das informações suscitadas na internet que gere a sociedade implica em precisarmos problematizar o modo como vivemos. A cultura digital promove a produção, e reprodução de muitas ocorrências, e prolifera discursos e comportamentos. Como exemplo ilustrativo, faz-se pontual descrever sobre a intervenção de um professor da Universidade Estadual de Londrina que ocorreu em Londrina/Paraná.

CORPO COMO MÍDIA DE SUAS AÇÕES

Aguinaldo Moreira de Souza⁴, professor e aluno do curso de filosofia da UEL- Universidade Estadual de Londrina, apresentou como monografia final de conclusão do curso uma performance nos campos da instituição. O trabalho teórico foi intitulado: “Compreender e imaginar o texto e cena mediados por um estudo estético-político”.

Pensando em questionar o modelo hegemônico de apresentação teórica formatado pela academia, o professor propôs via rede social uma chamada para participação. O acontecimento ocorreu em fevereiro de 2016, tendo 25 minutos de

⁴Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1992), mestrado em Letras Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Tem experiência na área de Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro, expressão corporal, interpretação teatral, semiótica e discursos interartísticos

duração e foi realizada dentro da Universidade Estadual de Londrina, no Centro de Ciências Humanas em Londrina no Paraná.

A chamada para o evento foi feita numa página do Facebook, que possibilitou ao estudante/diretor e professor convidar um público diverso a participar do processo e da performance, se inscreverem *on line* e fazerem a performance. O formato de apresentação escolhido pelo diretor parece representar as violências no qual o corpo se encontra exposto. No primeiro momento, pela ideia e concepção do autor, ele buscou sair de um padrão ou norma estabelecida para apresentação que seria em uma sala fechada, e buscou um espaço que pudesse ampliar e dar visibilidade a sua discussão, usou o corpo para desestabilizar, deslocar falas e comportamentos. Conseguiu, provou reações, principalmente nos jornais, sites e blogs online.

A performance representou cenas do massacre do Carandiru⁵ e da montanha de corpos cinza(cremados) em referência ao holocausto⁶. Seguindo suas indicações, na tentativa de aproximar essa ideia central aos participantes da cena, ele selecionou imagens ilustrativas para que os artistas pudessem compor as cenas e fizessem suas aparições.

A proposta continha movimentos como: Deitar espalhados pelo chão em analogia aos corpos que eram organizados em situações de massacre, em seguida um jogo de futebol, também com referência ao jogo que era praticado nos campos de concentração durante a segunda guerra e no final, como sugestão ele pediu aos participantes que pudessem: carregar os corpos pelos braços, em citação aos corpos do Carandiru.

Resistência de corpos, dissemos. Ora, a resistência dos corpos é sua potencialização biopolítica: trata-se de apostar na possibilidade de resistência e em tecnologias da resistência que se tornem absolutas. Lembram-se do filme *Brazil*? Era a exaltação de uma resistência que se faz metamorfose humana, que mistura mobilidade e alegria de maneira intensa, que constrói redes comuns e inventa linguagens que perfuram os sistemas do domínio (NEGRI, 2003, p.194)

A pesquisa do diretor se fez a partir de imagens fílmicas, videográficas, leituras de livros, fotografias de jornais, reportagens do Carandiru e fotografias de um campo de concentração na Alemanha. Para essa apresentação ele convidou amigos, atores profissionais, professores e estudantes, 44 pessoas se fizeram presentes e se dispuseram

⁵Fato ocorrido em 2 de outubro de 1992, no Brasil, em São Paulo. Uma intervenção da Polícia Militar para conter uma rebelião na Casa de Detenção causou a morte de 111 detentos.

⁶Impossível reproduzir essa atrocidade que assombra a todos os viventes desde meados do século XX. O diretor faz uma reprodução ficcional como tentativa para chamar atenção para o momento político que estamos vivendo.

a ficar sem roupa, ou com pouca roupa. Esses apontamentos se tornaram a cena e nos 25 minutos apresentados algumas pessoas ficaram em silêncio enquanto outras se retiraram isso gerou uma polêmica nas redes sociais.

Dizer é fazer, eis o resumo da fórmula do performativo. Com Austin(1962), a linguagem não é mais pensada exclusivamente como comunicação de sentido, que escorre de um enunciador, via um canal, rumo a um enunciatário, mas um campo em que palavras tem força de lei. Quando determinado agente, reconhecido publicamente como autorizado para uma ação, realiza-a, são provocadas mudanças no mundo, na medida que tal dizer é fazer.

(PRADO, 2013, p.89)

Interessante citar que Aguinaldo Souza, como performer participa de um grupo “La Pocha Nostra”⁷. Segundo sua entrevista, o seu trabalho fez parte de um momento pessoal na sua vida. No seu depoimento ele disse que:

“Este espetáculo e essa performance, conseguiram fazer eu me sentir honesto em atender a urgência do meu tema no campo da arte. Depois que eu vi todos os desdobramentos da intervenção eu vi como ela era necessária. O tipo de irritação que apareceu é de gente descontextualizada. Parece que nós não estávamos cumprindo o papel de mostrar, ou como filósofo, de esclarecer sobre coisas importantes. O que me ficou sobre tudo isso, nem é a incapacidade, talvez de reconhecer signos, ou as pessoas, na solidão do lar xingar tudo que elas não conhecem. Então, que bom que oportunizamos essa possibilidade. Acho que, no fundo, a liberdade foi questionada. No fundo, o grande problema é, cada voz, mesmo as pessoas que também defenderam a obra, às vezes, também tinham um discurso autoritário e impositivo. O essencial aqui é a liberdade de ver(Ou fazer e não fazer). Todo mundo começou a usar a negativa muito forte. Uma moça escreveu: Não sou obrigada a sair da sala de aula e ver isso. Claro que não é, ela saiu e viu 25 minutos de performance. Ela esclarece toda a falta de liberdade que as pessoas tem. Você pode ficar chocado, até criticar, mas não pode dizer que isso não deve acontecer”.

(Aguinaldo de Souza)

Sobre o trabalho foram espalhadas imagens de “nudes” e mostradas nos sites, blogs e facebook não chocam tanto quanto a nudez feita por esses artistas dentro de uma instituição acadêmica estadual do interior do Paraná. Sua postura biopolítica se faz numa tentativa de romper certos discursos ao corpo apto para performar, constando de determinadas habilidades e competências. “O objetivo é escapar das enunciações viciadas para tentar encontrar outras maneiras de descrever o que se passa”. (Katz, 2014, p. 8).

Nós, humanos, apresentamos uma enorme dificuldade em reconhecer nosso corpo enquanto construção material, em percebê-lo como concretude. O seu

⁷ Os trabalhos do grupo, que incluem performance art, vídeo, áudio, instalações, poesia, jornalismo e teoria cultural. Nas temáticas exploram o multiculturalismo, imigração, as políticas da linguagem, a “cultura radical” e as novas tecnologias na era da globalização, com o uso de gêneros mistos e linguagens experimentais. Misturam, fato e ficção, realidade social e cultura pop, humor chicano e ativismo político.

desenvolvimento, no entanto, prescinde de interpretações ad hoc. Um corpo que enxerga apenas certos comprimentos de onda, ouve um conjunto limitado de frequências e possui um olfato muito mais empobrecido que o da maior parte dos mamíferos, pede uma leitura sem travestimentos (KATZ, 2005, p.112).

Títulos sensacionalistas expandiram nas redes: *Estudantes da universidade de Londrina ficam nus e fazem performance sobre o holocausto*⁸, *Acadêmicos de Filosofia da UEL polemizam ao apresentar monografia peladões*⁹, *Uma legião de "Glória Pires" debatendo a performance dos "peladões da UEL"*¹⁰, dentre outros¹¹.

Segundo (LIPOVETSKY & SERROY, 2015) autores de **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista** vivemos na era do “capitalismo artista”. Estamos numa época de produção de imagens, em que a arte e a cultura se tornaram um negócio, em que “o mundo vindouro se anuncia como um amontoado de espetáculos funcionando na base do sensacionalismo, da intimização e da emocionalização das telas, da informação e da política” (2015, P. 268). Nesse caso, a discussão foi homogeneizada e o que reverberou nas redes foi a nudez dos corpos, ou a arte que se torna capital, que aparece e convoca.

Sintomático, os textos se expandiram e dilataram o que seria uma mostra de trabalho final de curso, reverberando em publicações em sites, blogs e entrevista na TV.

“Pelas redes sociais a atitude chamou muito a atenção. Muitas pessoas criticaram de forma dura, outras acharam interessante. No entanto, o Facebook retirou do ar as fotos em que os estudantes apareciam pelados. Em uma das fotos, os alunos apareciam nus jogando futebol. Em seu perfil no Facebook, o professor explicou o conceito da apresentação: “É um trabalho de filosofia política que aborda o holocausto nazista. Os atores estão peladões porque acabaram de sair da câmara de gás, para onde foram enviados achando que era um banho coletivo. Uma página horrível da História para ser discutida, e as pessoas só vêm genitália”¹².

Durante a entrevista com o diretor, o que ficou perceptível foi o estranhamento causado pelo fato de um professor apresentar uma performance dentro de um espaço público de ensino universitário que continha cenas de nudez. Uma onda

⁸ <http://osnaturistas.com/noticias/estudantes-da-universidade-de-londrina-ficam-nus-e-fazem-performance-sobre-o-holocausto/> 2016. Acesso em 30/08/2016.

⁹ <http://www.obemdito.com.br/regiao/conteudo-1456586206/2166/> 2016. Acesso em 30/08/2016

¹⁰ <http://www.podeissoarnaldo.com/single-post/2016/03/01/Uma-legi%C3%A3o-de-Gloria-Pires-debatendo-a-performance-dos-pelad%C3%B5es-da-UEL-sem-ao-menos-terem-assistido?pid=9PO6T4K5S> 2016. Acesso em 30/08/2016.

¹¹ <http://ensinamosvoce.com.br/aprenda/a-nudez-e-o-horror-um-dialogo-sobre-a-performance-de-aguinaldo-souza/> 2016. Acesso em 30/08/2016. <http://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/celia-musilli-a-danca-da-filosofia-941200.html> 2016. Acesso em 30/08/2016.

¹² <http://osnaturistas.com/noticias/estudantes-da-universidade-de-londrina-ficam-nus-e-fazem-performance-sobre-o-holocausto/> 2016. Acesso em 30/08/2016.

causou essa perturbação, esse desconforto, mas a pergunta é: *Foi pela nudez ou por ser um professor da instituição?*

Páginas foram bloqueadas, imagens censuradas por uma conexão que interfere na vida e nas formas de agir e pensar biopoliticamente.

A transmissão virou “meme”¹³ com frases de efeito, postagens de indignação, imagens de assédio e posicionamentos contra e a favor tornaram-se viral, pela necessidade de sustentar esse jogo político do preconceito, xenofobia, da homofobia, misoginia e do machismo.

O ambiente no qual uma informação é produzida, transmitida e interpretada, nunca é estático, mas uma espécie de contexto-sensitivo – por isso, as trocas entre corpos e ambientes são possíveis, e o corpo, que está sempre transitando por vários ambientes/contextos, vai trocando informações que tanto o modificam quanto modificam os ambientes. Evidentemente, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência de cada ser vivo, nesse processo de contranformações que não estanca entre corpo e ambiente. (KATZ, 2010, p.123).

Na leitura das postagens pelas redes sociais e jornais locais, verifica-se que existe a dificuldade em lidar com os fatos sem implicações emocionais. A revolta se faz na publicação das fotos de nudez, ao lado com comentários radicais e falaciosos em relação ao evento, denotando raiva e opiniões intempestivas, expandindo e distorcendo informações. Os posicionamentos pessoais se fazem multiplicadores das vozes. Sobre as declarações o diretor desabafa:

“Todos os presentes ficaram com um nó na garganta, por lembrar da chacina do Carandiru, evento recente no Brasil, sobre o qual nós quisemos falar. A nudez é a retirada da dignidade de homens em situação de humilhação. Ver “peladões” na cena, ou ainda tecer comentários sem tê-la visto, é falta de percepção. Mas é comum. Os comentários “sem noção” estão mostrando uma falta de percepção, só isso. Falamos de morte e de violência, não de sexo”.¹⁴
(Aguinaldo de Souza)

Nessa apresentação, muitas queixas e questões poderiam vir a ser discutidas, porém o foco centralizou no corpo nu e no sexo explícito, que por acaso não existiu, a maioria das pessoas usaram as redes sociais e os jornais para se manifestarem.

¹³Exemplos de memes são melodias, idéias, slogans, as modas no vestuários, as maneiras de fazer potes ou de construir arcos.(DAWKINS, 2007, p330).

¹⁴Disponível em: <http://forum.outerspace.com.br/index.php?threads/next-level-humanas-estudantes-pelad%C3%B5es-fazem-performance-sobre-o-holocausto.447317/> Acesso em 22/08/16.

O facebook tem uma política de policiamento, potencialmente na fiscalização das páginas, nos comentários postados, um simulacro ¹⁵ da liberdade e horizontalidade, confirmando o pensamento Agambeniano da relação em sociedade: dispositivos e seres viventes (AGAMBEM, 2009).

REFLEXÕES CRÍTICAS

Quando essa postagem invadiu as páginas dos jornais online, redes sociais e blogs, expandiu-se enunciados ditatoriais de assuntos como beleza, violência, homofobia e um confronto público de opiniões, que invadiram as telas. Em tempos de relatos e cenas banalizadas pelo jogo de interesses que se faz articular pelos afetos políticos e alianças, fiscalizar é necessário.

Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autoreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência.
(BYUNG- CHL HAN, 2015, p.30)

O que presenciamos a esse respeito foi uma mobilização de certa forma inconsistente. Diante das injustiças sociais e discussões sobre problemas de um país/cidade e suas tormentas de corrupções políticas, dosar as opiniões antes de virilizar é necessário. As informações precisam atuar provocando estímulos de mobilizações em favor de uma sociedade mais esclarecida e de um pensamento menos abissal¹⁶, consciente e potente nas diferentes formas de agir e articular informação. Não é possível um resultado categórico e nem objetivo para pensar e tecer comentários a respeito de postagens a cada minuto nas redes, mas é necessário enfatizar que a potência que emerge dos *corposmídias* nessa ação, realça as singularidades dos participantes fazendo emergir um grande espaço político de atuação. Reconhecer as demarcações biolíticas de saber e poder, assim como dar visibilidade a presença de linhas abissais nas discussões que constituem corpo e os processos em colaboração

¹⁵Segundo Boaventura de Souza Santos(2007): “(...)as linhas cartográficas “abissais” que demarcavam o Velho e o Novo Mundo na era colonial subsistem estruturalmente no pensamento moderno ocidental e permanecem constitutivas das relações políticas e culturais excludentes mantidas no sistema mundial contemporâneo. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Para%20alem%20do%20pensamento%20abissal_CEBRAP_2007.pdf Acesso em 05/11/2016.

¹⁶A Disneylândia é um modelo perfeito de todos os tipos de simulacros confundidos. É antes de mais um jogo de ilusões e de fantasmas: os Piratas, a Fronteira, o Future World, etc.(BAUDRILLARD, 1981, p.20)

como um campo de conhecimento, sem denominações faz do *corpomídia* uma Ecologia do Corpo, pelo pressuposto principal, a sua prática se faz na participação entre pessoas e mundo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Revisão técnica, Paulo Vaz- Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>. Acesso em 05 dez. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2008...

KATZ, Helena. CORPO Apps: do dispositivo ao aplicativo. In: Arte & Cognição. Corpomídia, comunicação, Política. São Paulo: Annablume, 2015.

_____. **O Pensamento crítico no mundo do corpo apps e da lógica do software**. Anais do III Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA. Salvador, 2014.

Helena Katz comenta o corpo nas manifestações. 2013. Disponível em: <http://idanca.net/como-e-que-a-gente-pode-participar-de-um-pais-que-quer-transformacoes/>. Acesso em 23 jul. 2015.

_____. O papel do corpo na transformação da política em biopolítica. In: **O corpo em crise**, São Paulo: Annablume, 2010

_____. **Um, dois, três**. A dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: Helena Katz, 2005, 1ed.2005

KATZ, Helena; GREINER, Christine. **Em busca de uma epistemologia indisciplinar**. In: Arte & Cognição. Corpomídia, comunicação, Política. São Paulo: Annablume, 2015.

_____. **Corpo, dança e biopolítica**: pensando a imunidade com a Teoria Corpomídia. Anais do 2º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança, 2011.

_____. Corpo e processo de comunicação. In: **Revista Fronteiras estudos midiáticos**. São Leopoldo: Unisinos, v.3, n.2, dez 2001.

_____. Por uma teoria do corpomídia. In: **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005..

LAZZARATTO, Maurício. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006..

LIPOVETSKY, Gilles. **A estetização do mundo**: Viver na era do capitalismo artista. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre Império**.. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: EDC: FAPESP, 2013.